

EDUCAÇÃO, IDEOLOGIA E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DO ANTI-IDEOLOGISMO

Natan Severo de Sousa (1);
Ruan Igor Silva de Araújo (2);
Orlando da Silva Neto (3);
Urandy Alves de Melo (4).

(1) *Universidade Estadual da Paraíba, natansb.lettras@gmail.com;*
(2) *Universidade Estadual da Paraíba, ruanigor.jp@hotmail.com;*
(3) *Universidade Estadual da Paraíba, silva.orlando47@hotmail.com.*
(4) *Universidade Estadual da Paraíba, urandyuepb@yahoo.com.br.*

Resumo:

As escolas, por se tratarem de instituições que visam formar cidadãos críticos se utilizam, muitas vezes em seu ensino, de uma ideologia de classe dominadora, reproduzindo um discurso ideológico e autoritário, não atuando como emancipadores de seres humanos. Assim sendo, quais as implicações da ideologia inserida no ensino para a formação do aluno? Qual a contribuição do pensamento anti-ideológico nas escolas para promover a autonomia do sujeito? Tendo por base essas questões problema, o presente trabalho teve por objetivo apresentar algumas das implicações da ideologia dominadora na educação do indivíduo, bem como a atuação do pensamento anti-ideológico para a emancipação do ser. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Como aporte teórico, foram utilizadas reflexões acerca do conceito de ideologia e do processo de educação e emancipação, baseadas nos posicionamentos de teóricos como Adorno (2003), Cerletti (1999), Chauí (1985), e Luckesi (1994). Desse modo, foi possível constatar que a reflexão filosófica que prime pela educação anti-ideológica tem a capacidade de emancipar o ser e se constitui, portanto, imprescindível para os alunos se tornarem sujeitos críticos na sociedade.

Palavras-chave: Educação, ideologia, emancipação, anti-ideologismo.

INTRODUÇÃO

Entendendo a escola como espaço social de integração dos sujeitos, onde os alunos podem ter acesso ao ensino e, desse modo, construírem seu conhecimento de forma a integrar-se de maneira satisfatória na sociedade em que vivem, se faz necessária uma reflexão que nos leva a analisar o presente modelo e parâmetro de ensino, este comumente entendido na comunidade acadêmica como tradicional, tecnicista, autoritário, entre outros termos pejorativos que demonstram seu caráter defasado.

A escola como propagadora desse modelo, em muitas das vezes reproduz uma pedagogia e uma didática de ensino que se rege e se pauta a partir de um discurso autoritarista e altamente ideológico, o que tem como objetivo a transmissão ao alunato de algum tipo de posicionamento ou ideal subjetivo, oriundo das classes dominantes, como forma de reprodução da ideologia para os discentes.

Essa compreensão de modelo tecnicista e autoritário que permeia os espaços educacionais nos leva a entendermos a função e o propósito da ideologia. A ideologia é uma ferramenta de dominação de classes, bem como uma forma de luta dessas classes. Para Marilena Chauí, os dominantes se utilizam da ideologia para realizar a dominação, sem que os dominados tenham consciência desse processo. Ou seja, os dominados não enxergam a ideologia como dominação (CHAUI, 1985, p.86).

Partindo desses pressupostos, é necessário que se prime por uma proposta didático-pedagógica que possa contribuir significativamente de maneira a promover a emancipação e a autonomia do aluno enquanto sujeito social, o que acreditamos ser possível através de uma educação pautada no anti-ideologismo, isto é, na rejeição de qualquer manifestação ideológica de dominação na escola.

Essas formas de dominação, quando difundidas em meio aos espaços educacionais, podem contribuir para que não ocorra nos alunos enquanto receptores dessas ideias o processo de emancipação do ser, privando sua autonomia enquanto sujeitos, e desse modo, fazendo com que não busquem enxergar a ideologia presente nos discursos, para assim poderem se emancipar e reconhecer sua própria autonomia.

A educação de qualidade e satisfatória deve ser aquela que prime pela emancipação de seus discentes, de modo que proporcione não somente a mera recepção de conteúdo, mas sobretudo a reflexão, a criticidade e principalmente sua participação ativa em sociedade, e não

um meio de promover o autoritarismo ideológico como forma de dominação.

Desse modo, o presente artigo objetiva identificar as implicações da ideologia dominadora na educação do sujeito, bem como a atuação do pensamento anti-ideológico para a emancipação do ser, acreditando que dessa forma poderemos promover a formação de sujeitos críticos e reflexivos na sociedade.

METODOLOGIA

Pensando o anti-ideologismo escolar, isto é, na rejeição de qualquer manifestação ideológica de dominação na escola como auxílio didático e pedagógico de humanização no processo educacional, este trabalho apresenta como proposta explorar os processos que envolvem a ideologia, tendo a finalidade de entender como ela atua nos sujeitos, ainda que de forma sutil, para dessa forma analisar meios de evitá-la e rejeitá-la e, desse modo, promover o anti-ideologismo. Como aporte teórico, foram utilizadas reflexões acerca do conceito de ideologia, bem como do processo de educação e emancipação, baseadas nos posicionamentos de teóricos como Adorno (2003), Cerletti (1999), Chaui (1985), e Luckesi (1994). A pesquisa envolve uma revisão de literatura pautada em algumas das declarações e filosofias dos teóricos dentro da temática, bem como a discussão pautada em suas teorias, contribuindo dessa forma para o enriquecimento do trabalho.

IDEOLOGIA E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO

De acordo com Cerletti (1999), a base do processo educacional deveria alterar o conceito básico de *formação* para o de *transformação* enquanto ser. Entendemos que a noção de formação já remete à uma ideia de dependência entre o objeto formador e o sujeito em formação, enquanto que um conceito de transformação, carrega consigo uma ideia mais autônoma de mudança pessoal e desenvolvimento individual, enquanto sujeito independente. Essa noção é, segundo Cerletti, aquilo de que carece o processo educacional, o qual é baseado na reprodução.

Contudo, já que não se abre mão do caráter reprodutivista no ensino, é preciso definir melhor o que deve ser reproduzido. Podemos, desse modo, verificar essa problemática a partir de um olhar filosófico, já que a filosofia pode problematizar e questionar os valores, crenças e

ideais que atualmente já são socialmente aceitos e praticados pelos sujeitos e intervêm, desta maneira, na forma de se enxergarem como membros da sociedade, a conhecerem, sentirem, refletirem e agirem no mundo.

Partindo dessa reflexão, pensamos que deveriam ser reavaliadas as atuais práticas pedagógicas que visam impor ideais que contribuem cada vez mais para o enaltecimento das classes dominantes e para o rebaixamento das classes dominadas, e isso através do pensamento ideológico, pois a ideologia oculta sua origem dominante, fazendo com que os sujeitos mudem seus atos implicitamente. Chauí (1985, p.103), diz que:

[...] o papel específico da ideologia como instrumento da luta de classes é impedir que a dominação e a exploração sejam percebidas em sua realidade concretas. Para tanto, é função da ideologia dissimular e ocultar a existência das divisões sociais como divisões de classes, escondendo, assim, sua própria origem. Ou seja, a ideologia esconde que nasceu da luta de classes para servir a uma classe na dominação;

Para ela, a ideologia teve seu sentido deturpado a partir de quando se inverteu o propósito de favorecer a luta de classes em favorecer a uma classe específica, sendo esta a classe dominante. Com isso, a ideologia se torna então um instrumento de dominação favorável e propício para contribuir com a alienação e o tecnicismo na sociedade, mais especificamente no contexto escolar, instrumento esse que gira em torno de interesses subjetivos.

Sendo assim, a ideologia, por se tratar de uma ferramenta que objetiva esconder as divisões sociais, deve tornar todas as crenças e ideais predominantes das classes dominantes em ideais universais, sendo aplicadas por toda a sociedade de maneira geral. Nesse processo, está sobressaindo-se a classe dominante, mas no imaginário das pessoas essas ideias e valores são os corretos para toda a comunidade, sem a existência de nenhuma divisão.

Para Chauí (1985, p.114) “[...] a ideologia nunca pode explicitar sua própria origem, pois, se o fizesse, faria vir à tona a divisão social em classes e perderia, assim, sua razão de ser que é a de dar explicações racionais e universais que devem esconder as diferenças e particularidades reais. ” Assim, pode-se afirmar que a ideologia está presente nos discursos em geral de maneira subliminar, como forma de mascarar o real, aquilo que, visto de outros ângulos e perspectivas, pode ser desmascarado.

Diante disso, pode-se afirmar que a ideologia é um conjunto de ideias, valores e crenças lógicas e coerentes de preceitos que, implicitamente, comandam os atos dos sujeitos

da sociedade, indicando o que eles devem ou não devem fazer, pensar, sentir e valorizar. Em síntese, um instrumento de dominação de classes, pois:

[...] a ideologia é resultado da divisão social do trabalho e, em particular, da separação entre trabalho material/manual e trabalho espiritual/intelectual; [...] a ideologia é, pois, um instrumento de dominação de classe e, como tal, sua origem é a existência da divisão da sociedade em classes contraditórias e em luta; (CHAUI, 1985, pp.101-102)

Trata-se de uma ferramenta explicativa de caráter regulador, a qual tem por objetivo fornecer à população explicações sobre as distintas esferas de classes existentes na sociedade, como explicação de fatos políticos, culturais e sociais, mas sem permitir que os membros da sociedade tomem conhecimento que as diferenças entre as classes sociais são provenientes justamente da divisão das classes, que deu origem a ideologia.

Diante desses pressupostos, é necessário refletir sobre a presença da ideologia no meio educacional, e o que ela acarreta, de modo a repensar sobre as práticas pedagógicas tendo como norte a proposta do ensino emancipatório que promova a autonomia do aluno, e assim, rejeitando a imposição que a dominação ideológica lhe propõe.

ENSINO EMANCIPATÓRIO NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO E REFLEXIVO

A partir do entendimento da influência da ideologia, é importante trabalhar aquilo que Adorno trata de “emancipação”, sendo esta uma filosofia libertadora que contribui de forma significativa no processo anti-ideológico que vise formar sujeitos críticos e reflexivos. Por isso, é preciso que a escola enquanto meio social propagador do conhecimento e da educação, possa promover um ensino emancipatório, rejeitando assim qualquer manifestação ideológica dominante que permeie seu espaço.

A ideologia está imbrincada e inserida no mundo, na sociedade em que vivemos, promovendo um obscurecimento, em detrimento de uma realidade. É preciso que nos voltemos à realidade, para dessa forma superar a influência da ideologia. A racionalidade nos leva a uma conscientização que rejeita qualquer utopia ou interferência ideológica, que tem como caráter a tentativa de mascarar a realidade, para então poder inserir seu propósito idealista para o qual tem seu fim. Acerca disso, Adorno (2003, p. 143) nos diz que:

Em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante — hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria —, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação. Seria efetivamente idealista no sentido ideológico se quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente. [...] De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação.

O processo de evolução dos alunos enquanto seres críticos, participativos, atuantes reflexivos na sociedade vai além de ser classificado como apenas uma mudança, trata-se de uma demonstração de liberdade de consciência para reflexão da própria consciência enquanto membro da sociedade. Como escreveu Luckesi, em sua *Filosofia da Educação*, “o termo ‘formação’, muito utilizado para definir os fins da atividade escolar, expressa bem o papel de reprodutora do sistema que desempenha a escola. Formar quer dizer dar forma a, padronizar segundo modelos” (Luckesi, 1994, p. 41). Nesse processo:

[...] a ideologia não é um “reflexo” do real na cabeça dos homens, mas o modo ilusório (isto é, abstrato e invertido) pelo qual representam o aparecer social como se tal aparecer fosse a realidade social.[...] A ideologia é uma das formas da *praxis* social: aquela que, partindo da experiência imediata dos dados da vida social, constrói abstratamente um sistema de idéias ou representações sobre a realidade. (CHAUI, 1985, p.106)

A história ideológica é sempre contada do ponto de vista do líder ou dos vitoriosos, de quem está com o poder. Não possuímos a história das vítimas, nem a dos sofredores, nem a dos trabalhadores vencidos, não só seus relatos e ações não são registrados pelo historiador, mas os dominantes também não permitem que apareçam vestígios. Com isso, os dominados aparecem nos textos sempre a partir do modo como eram vistos e entendidos pelos próprios vencedores.

A esse caráter da ideologia de mascarar a realidade em seu próprio favor, Adorno (2003, p.185) nos diz que existe na sociedade uma grande resistência a manter os sujeitos não-emancipados, e isso justamente porque quanto maior alienação, maior e mais fácil será sua forma de dominação e repressão.

[...] E isto simplesmente porque não só a sociedade, tal como ela existe, mantém o homem não-emancipado, mas porque qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação — evito de propósito a palavra “educar” — é submetida a resistências enormes, e porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procurarão

demonstrar que, justamente o que pretendemos encontra-se de há muito superado ou então está desatualizado ou é utópico.

Porém, tendo consciência da necessidade de promover a autonomia e a formação de sujeitos críticos, é preciso que a escola como meio social e educativo possa favorecer a emancipação do aluno, e para isso Adorno (2003, p.185) nos diz que “Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência. ”. Ou seja, a partir de quando houver um engajamento que envolva escola, educador e educandos, tomando a causa do anti-ideologismo como propriamente suas, será possível ter uma perspectiva de mudanças, onde haverá a promoção de sujeitos críticos e reflexivos, influenciados pela racionalidade e não pela ideologia dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das reflexões e discussões realizadas nesse estudo, constatou-se que a reflexão filosófica pautada no anti-ideologismo, quando usada para auxiliar os alunos na libertação do ideologismo taxado pela dominação de classes, nos leva a entender o papel que a ideologia exerce na sociedade, e mais especificamente no espaço escolar, a qual se apresenta como uma tentativa de mascarar a realidade em favor de um interesse das classes dominantes.

Assim, podemos dizer que a capacidade emancipadora de agir a partir de uma perspectiva filosófica e educacional que prime pelo anti-ideologismo é de fundamental importância para o processo educativo, esquivando-se do pensamento ideológico taxado como certo pelas classes dominantes e aproximando-se do pensamento crítico da sociedade, como capacidade de mudança.

O interesse em evoluir, a partir de uma transformação que inclui o engajamento, tanto por parte da escola como meio social que deverá promover uma educação inclusiva e emancipatória, quanto dos professores, estes passando de transmissores de conteúdo a instrutores da emancipação, assim como dos alunos, os quais irão passar de receptores a autônomos, engajamento esse que é preceptor para a efetivação dessa emancipação, por meio dessa proposta anti-ideológica. Dessa forma, será possível ocorrer a mudança dos alunos como sujeitos críticos e reflexivos na sociedade, a partir do momento em que a emancipação e a autonomia sobrepujam o lugar da ideologia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

CERLETTI, Alejandro & KOHAN, Walter. **A Filosofia no Ensino Médio**. Brasília: Editora UnB, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LUCKESI, Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.